



## O COLONIALISMO EM ÁFRICA EM NARRATIVA LITERÁRIA: UMA PERSPECTIVA IGBO NA ESCRITA DE CHINUA ACHEBE.

Emílio Ranieri Migliorini<sup>1</sup>, Cláudia Mortari<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Acadêmico(a) do Curso de História, FAED, PIVIC/UDESC.

<sup>2</sup> Orientadora, Departamento de História, FAED – [claudiammortari@gmail.com](mailto:claudiammortari@gmail.com).

Palavras-chave: Literatura; História da África; Pós-Colonial; Colonialismo

Esta comunicação tem como objetivo apontar, a partir da visão e escrita do escritor nigeriano Chinua Achebe (1930-2013), as percepções em relação ao colonialismo e seu impacto na sociedade igbo, da região da costa oeste africana. Tal sociedade, descrita como alicerçada numa organização social baseada na tradição e na oralidade, com a chegada dos primeiros homens brancos em suas aldeias, missionários cristãos seguidos pelos administradores coloniais aprisionados por uma sólida concepção colonial sobre o mundo, se deparam com o enfrentamento de modos distintos de vida e relações de poder. Nossa análise teve como documento de pesquisa a obra literária “*O mundo se despedaça*” publicada pela primeira vez em 1958, no contexto das lutas por independência no território africano. Esta obra é entendida como documento e narrativa literária e, enquanto tal deve ser devidamente problematizada e interpretada, abrindo possibilidades para a compreensão de determinado processo histórico. Nossas reflexões se pautam nas perspectivas teóricas dos estudos pós-coloniais e decoloniais que afirmam, entre outras questões, duas que nos parecem centrais: que toda narrativa precisa ser considerada a partir do “lugar de enunciação”, posição esta marcada pelo lócus geopolítico do indivíduo e que as diferenças e hierarquias criadas entre colonizadores e colonizados foi codificada pela ideia de raça e passou a organizar as relações nesse novo sistema-mundo moderno/capitalista/patriarcal/cristão/colonial não ficando restritas ao controle do trabalho mas se espalhou para o do “Estado” e suas instituições, e na produção do conhecimento, hierarquizando e estabelecendo juízo de valor entre diferentes modos de ser, ver e viver o mundo. Neste sentido, consideramos que a perspectiva de Achebe é permeada profundamente por sua visão e sentidos da História e que sua obra representa a sua percepção acerca do contato entre a sociedade Igbo e “o homem da cor de giz e sem artelhos” (ACHEBE, 2009: 11) durante o processo de colonização e, principalmente, de elementos da cultura e da tradição africana, aspectos invisibilizados pelo discurso hegemônico europeu no contexto do século XX. Ao interpretarmos e analisarmos historicamente a obra de Achebe, encontramos a possibilidade de acessar a narrativa de um autor que, dentre outras tantas identificações, pertence a cultura Igbo e viveu a sentir o impacto do colonialismo em sua sociedade e nas Áfricas, de modo geral. Na leitura, afinamos nosso ouvido “viciado” em escutar tantas histórias de africanos sendo contadas pela perspectiva colonial, representados por missionários e inspetores regionais (MUDIMBE, 2013). Aliás, o próprio autor, em uma entrevista, declarou que sua intenção ao escrever sobre sua etnia era tornar visíveis ao mundo seus costumes e experiências históricas em contato com os colonizadores europeus, sem vitimizações e visões estereotipadas (ACHEBE, 2013). Portanto, o uso da literatura enquanto fonte histórica nos dá a oportunidade de acessar uma narrativa *outra* de populações que foram - e ainda são - invisibilizadas e estereotipadas. A narrativa de Achebe se refere a Umuofia, uma comunidade Igbo composta de nove aldeias e conta a trajetória de seu protagonista

Okonkwo, narrando desde sua infância difícil em relação ao seu pai, passando por seu prestígio alcançado na aldeia, até seu trágico fim. Sua fama é baseada em conquistas pessoais: enquanto jovem, venceu o mais forte lutador das nove aldeias em uma disputa corporal, e como homem de família era capaz de produzir para o sustento de todos. Mas seu prestígio e importância na aldeia aos poucos são colocados em segundo plano com a chegada do colonizador britânico no fim do século XIX. Desde então, o universo de Okonkwo se transforma gradativamente, até que uma fatalidade acontece. A partir das palavras de Achebe é possível evidenciar o antagonismo cultural, religioso e social entre os Igbos e a colonização britânica e seus impactos na organização social e a violência das estruturas coloniais invadindo e criando raízes na sociedade Igbo. Ao mesmo tempo, evidencia os impactos da chegada dos missionários cristãos em suas terras: “O amuleto do branco é um poderoso feitiço, porque conseguiram sobreviver na Floresta Maldita. Conseguiram assim as primeiras três conversões” (ACHEBE, 2009: 170). Achebe também apresenta uma conflituosa transição dessa ordem tradicional já estabelecida para outra, na qual a reflexão do protagonista, em relação ao futuro da sociedade devido a conversão de seu filho ao cristianismo, é emblemática: “o que seria se os demais seguissem o mesmo passo, quem faria o culto aos ancestrais? Ele estaria junto de seu pai, à espera de um culto que não aconteceria, se tornariam cinzas do passado apenas” (ACHEBE, 2009: 174). Aliás, o título do livro vem da inspiração do poema *A Segunda Vinda* (1919), de W.B. Yeats (1865-1939): “coisas começam a desabar, porque não há mais bases; o chão histórico que dava sustentação àquela realidade havia mudado. O falcão não pode mais ouvir o falcoiro, porque mera anarquia está solta pelo mundo”. Essa anarquia é o que significa a colonização para as sociedades tradicionais africanas, nas quais os valores dessas são constantemente violados, não sendo possível viver mais como antes, sendo necessário se adequar às novas regras do jogo. Esse processo resulta em transformações significativas nas maneiras de viver das comunidades africanas devido à imposição colonial, concebendo mesmo dentre as comunidades africanas o poder do colonizador. Assim sendo, consideramos que a obra literária, que devidamente problematizada e analisada, nos possibilita evidenciar a perspectiva de Achebe sobre a História do seu país, a Nigéria e das consequências ao seu povo, os igbos, em contato com a colonização britânica que teve início no final do séc XIX e terminou apenas em 1960, com a independência. Este trabalho é parte do projeto de pesquisa Modos de ser, ver e viver: o mundo Ibo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, séc. XX), desenvolvido no âmbito do Laboratório AYA de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais (UDESC/FAED).